

As caixas de Salete: tecituras de narrativas da e na Cozinha Solidária da Vila Barracão

Ana Elisia da Costa¹

DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v15i29.66403>

Resumo: Exploro neste texto memórias de mulheres que atuam na cozinha solidária da Vila Barracão, na periferia de Porto Alegre. Entre essas mulheres, destaco Salete que, ao guardar sonhos e dores em “caixas”, mobiliza sentimentos e reflexões que me atravessam nesta escrita. Meu encontro com elas foi promovido por um projeto de ensino-extensão-pesquisa que registrou suas narrativas e revelou histórias de abandono e opressão, bem como de resistência e insurgência. Visibilizar tais histórias e refletir sobre os papéis das mulheres nas cozinhas solidárias e nas periferias urbanas são objetivos deste trabalho. Em uma escrita experimental, ao mesmo tempo em que documento e reflito sobre o tema, também busco pensar sobre os sentidos pessoais deste trabalho e sobre a pesquisa por narrativas. O estudo é construído como uma tecitura frouxa, aberta. Ato “nós”, mas também deixo “pontas soltas” para a composição de ficções por vir ou de histórias sem fim.

Palavras-chave: narrativas; cozinhas solidárias; mulheres; periferia; Vila Barracão.

The Salete boxes: weavings of narratives from and in solidarity kitchen of Vila Barracão

Abstract: In this text, I explore memories of women who work in the solidarity kitchen of Vila Barracão, on the outskirts of Porto Alegre. Among these women, I highlight Salete who, by keeping dreams and pain in “boxes”, mobilizes feelings and reflections in me that permeate this writing. My meeting with these women was promoted by a teaching-extension-research project that recorded their narratives and revealed stories of abandonment and oppression, as well as resistance and insurgency. Making these stories visible and reflecting on the roles of women in solidarity kitchens and urban outskirts are the objectives of this work. In experimental writing, at the same time as I document and reflect on this topic, I also seek to think about the personal meanings of this work and about researchs based on narratives. The study is assembled as a loose, open fabric. I act “knots”, but I also leave “loose ends” for the composition of fictions to come or endless stories.

Keywords: narratives; solidarity kitchens; women; periphery; Vila Barracão.

Cajas de Salete: tela de narrativas desde y en la Cocina Solidaria de Vila Barracão

¹ Doutora em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do Departamento de Arquitetura e do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS. E-mail: ana_elisia_costa@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4829-5699>.

Resumen: En este texto exploro memorias de mujeres que trabajan en la cocina solidaria de la Vila Barracão, en la periferia de Porto Alegre. Entre estas mujeres destaco a Salete quien, al mantener en "cajas" sueños y el dolor, moviliza en mí sentimientos y reflexiones que permean este escrito. Mi encuentro con estas mujeres fue promovido por un proyecto de enseñanza, extensión e investigación que registró sus narrativas y reveló historias de abandono y opresión, así como de resistencia e insurgencia. Visibilizar estas historias y reflexionar sobre los roles de las mujeres en los comedores solidarios y en la periferia urbana son objetivos de este trabajo. En una escritura experimental, al mismo tiempo que documento y reflexiono sobre este tema, también busco pensar en los significados personales de este trabajo y en investigaciones basadas de narrativas. El estudio se ensambla como una tela suelta y abierta. Hago "nudos", pero también dejo "hilos sueltos" para la composición de ficciones por venir o de historias sin fin.

Palabras clave: narrativas; cocinas solidarias; mujer; periferia; Vila Barracão.

As caixas de Salete: tecituras de narrativas da e na Cozinha Solidária da Vila Barracão

Salete vem a mim com um sorriso incomum na cozinha solidária da Vila Barracão. É dia de encerramento de nossas atividades, após três meses de trabalho conjunto.

"Tenho uma coisa para te mostrar", diz ela. Retira da bolsa cópias amareladas de páginas de uma revista. Com os dentes à mostra, explica que ali eu encontraria parte da história da Vila Barracão e dela própria! Folheia a revista e mostra uma foto sua em frente à casa própria. Destaca que tinha cabelos curtos e que naquela época foi até "garota propaganda" da prefeitura sobre o loteamento da Vila. Gargalha.

Sorrio também e pergunto se posso fotografar o material, porque gostaria de lê-lo com mais atenção depois.

A história anterior tem como personagem central Salete, uma

mulher negra, idosa, voluntária em uma cozinha solidária e moradora da Vila Barracão, na periferia de Porto Alegre. Ela mobiliza em mim o exercício da escrita, talvez pelas circunstâncias dos nossos encontros e desencontros, conversas e silêncios. Talvez por me fazer olhar para mim mesma, principalmente quando soube das "caixas" em que guardou dores e sonhos até conquistar sua casa.

Além de Salete e suas memórias, habitam nestas páginas as memórias narradas por suas companheiras da cozinha solidária, cujas histórias de vida se entrelaçam. Eu também figuro no texto, já que a matéria-prima desta escrita gira em

torno de registros – observações, escutas, sentimentos e reflexões – feitos na, e a partir da, convivência com essas mulheres, promovida por um projeto de ensino-extensão-pesquisa desenvolvido entre agosto de 2024 e janeiro de 2025.

O enredo que aqui se ensaia não tem heróis, nem conquistas glamorosas. Falo sobre cotidianos silenciosos, histórias de abandono e opressão, de resistência e insurgência, muitas vezes expressas no gesto banal de guardar, prover famílias e fruir vidas. Busco visibilizar histórias apagadas ou silenciadas, dar luz à existência das mulheres e dos territórios que ocupam, como o “barracão” da cozinha e a Vila Barracão. Mas não só. Busco também refletir e ampliar os sentidos dos papéis das mulheres nas cozinhas solidárias e periferias urbanas. Por outro lado, uso esta oportunidade para experimentar uma escrita que, no seu fazer-pensar-sentir, permita-me refletir sobre os sentidos pessoais do trabalho para, e com, a cozinha da Vila Barracão e da pesquisa por narrativas.

Este texto é, em si, um experimento. Tramo, de modo não linear ou cronológico, anotações de campo e extracampo, como as

primeiras indicadas no texto em recuo e itálico, desde já dispensadas de serem referenciadas. Neste exercício, ora deixo algumas “pontas soltas”, compondo um narrar sem pretensão de ser verdadeiro ou definitivo; ora “ato nós”, explicando a natureza acadêmica do trabalho e fazendo conexões com referências bibliográficas e possíveis cronologias.

Desde uma estética-ética-política de pesquisa que refuta a objetivação, persigo a composição de um conhecimento como uma tecitura frouxa, inconclusa (Ingold, 2022). Talvez a mesma tecitura de que são feitas as cestas nas ficções de Le Guin (1989, p. 6-7): recipientes que são “útero de coisas em gestação e esse túmulo de coisas que um dia foram, essa história sem fim”.

Contexto

Salete esboça alguns sorrisos. Estamos no evento II Encontro Cozinhas-Território, no saguão da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ali, um mólide de marmitas e fotografias homenageia Salete e suas companheiras na Cozinha Barracão. Fico imaginando se ela se surpreendeu por figurar na universidade e se entendeu que estava ali por considerarmos que ela tem

"bagagem" para ensinar a academia.

Seus sorrisos, contudo, cessam quando é convidada a compor a mesa do evento com representantes de outras cozinhas solidárias presentes. Um pouco a contragosto, protesta: "Não vou falar nada, hein?".

Apesar de a mesa querer dar protagonismo às comunidades das cozinhas, seu silêncio é inicialmente respeitado. A plateia, todavia, o ressente e protesta, mobilizando-me uma defesa com tom carinhoso e brincalhão: "Gente, deixem a Salete! Ela veio para a mesa já dizendo que não queria falar!". Ela confirma a relutância com uma expressão engraçada, causando risos no público.

O silêncio de Salete parece timidez. Teria meu respeito à sua condição mobilizado algum sentimento de confiança nela? Isso poderia explicar o fato de, no dia seguinte, após três meses de trabalho, ela finalmente me entregar informações que tanto demandava? Teríamos vivido, enfim, um 'verdadeiro encontro' naquela situação?

Na Cozinha, Beth avisa: "Ana, a Salete vai também ajudar na oficina de reboco! Ela também entende de construção!". Recordo-me de que, de fato, Salete já nos havia contado sobre sua participação na construção do barracão da

cozinha: "nós, mulher, construímos isso aqui!".

Acolhi com alegria sua atuação! Uma mulher da cozinha se juntaria ao Will e ao Victor, jovens moradores da Vila, para ensinar aos (às) estudantes de Arquitetura da Universidade a arte do reboco. A intenção era transformar o Barracão em um canteiro experimental, contando com 'professores' da comunidade capazes de destituir papéis de quem pode ensinar. Com Salete, destituiríamos não só a academia, mas também os homens, dominantes nos canteiros de obra.

Mantendo seriedade, Salete observa os dois 'guris' que misturavam areia e cimento, marcavam guias do reboco e, com a colher de pedreiro, lançavam gordas porções de argamassa na parede do barracão. Discretamente, lhe pergunto: "Você acha que está certo?". Responde com poucas letras: "Cada um faz de um jeito, né?!".

A sua atitude isenta se desfaz quando alguns estudantes arriscam usar a desempenadeira sobre o reboco úmido. Vendo a insegurança de um deles, solta uma piadinha em meio a um sorriso maroto: "Ele está ali acariciando a namorada?".

Salete prefere dar protagonismo aos mais jovens ou se subjuga à condição masculina deles? De qualquer forma, é elegante! Não julga ou, se julga, faz isso com bom humor. Ali, aprendo sobre respeito e sobre

táticas do ensinar-aprender. Vou tateando aproximações com aquela mulher, sem certezas sobre os caminhos a trilhar.

Ao redor da mesa da Cozinha Barracão, Dona Fátima, antiga líder comunitária, fala às cozinheiras e aos meus estudantes. Conta-nos sobre sua vida e sobre a Vila Barracão, histórias que se confundem. A Vila teria se originado de uma ocupação, seguida de contínuas reivindicações por melhorias:

“Em 1990, eu entrei na comunidade. Eu morava de aluguel e, nesse meio tempo, apertou o pagamento do aluguel e eu tive que fazer uma casa no meio da rua [...]. Aí começamos a entrar na comunidade para ver o que seria dessas pessoas que moravam no meio da rua, que tinham as vilas com casas em cima das outras, todos apertados. Aí [...] abrimos a [Associação] União de Vilas da Grande Cruzeiro [...]. E foi indo, e foi crescendo, e as vilas foram se esgotando, já não tinha mais lugar para construir casa. Em 1993, [...] a gente resolveu invadir isso aqui, era mato, tudo mato. Lá de cima até a faixa [...], a gente invadiu em umas dez pessoas mais ou menos. Aí veio a polícia e correu todo mundo. Aí o pessoal começou a se unir mais, aí a gente programou em invadir na sexta à noite, porque

sábado e domingo não tem polícia.

[...]

Então, assim, a gente lutava com unhas e dentes por tudo. Aí tinha aquelas reuniões na paróquia, na reunião do orçamento participativo, e apareceu o Alceu Collares. [...] E não prestou! Eu levantei ‘tu tá falando porque tu tem, o povo aqui ninguém tem’ e ele me mandou botar pra fora. Ganhamos tudo na briga” (Depoimento de Fátima Andreola. P2, 2024, p. 21).

Sinto-me tocada (e provavelmente também os demais presentes) pela história de vida e luta daquela mulher, no alto de seus oitenta anos. Carismática, ela centraliza as falas. Quero dar protagonismo também às outras mulheres, em especial à Salete que observa de canto, quieta. Prevalecendo-me da posição de quem pode perguntar (e talvez questionável), arrisco convidar Salete para contar também sua versão.

Timidamente, ela se manifesta, sem desmerecer a versão anterior – “Ela pegou a mais tempo que eu. Eu vim para cá e já tava pronto” –. Sua voz é baixa, quase inaudível:

“Bom, nós viemos aqui porque eu morava no morro Santa Teresa, lá em cima. Nós íamos morar lá embaixo, mas como tinha que sair aquelas casas atrás do posto [...], aí a gente

deu lugar para aquelas pessoas ficarem ali. Aí disseram assim ‘bom, vocês vão ganhar casas de dois pisos’. Aí nos interessemo [...]. Aí a gente veio para cá [o edifício ‘barracão’]. Era madeira, tava caindo aos pedaços. Aí a gente derrubou tudo e fizemos aqui, pra nós vir almoçar aqui, tomar café, tudo aqui. Aí nós fizemos lá em cima 16 casas, 16 casinhas. Nós vinha aqui de meio dia para almoçar. Foi isso o que aconteceu em 19 [oscila]... 1994. Aí lá a gente trabalhou 3 anos e meio, [...] sábado, domingo e feriado. E depois no dia que tava tudo pronto, iam invadir lá e nós precisamos ocupar sem rebocar, sem nada. [...] Fomos sorteados e daí eu peguei a casa 3 [...] e fiquei morando ali até hoje, 40 anos já” (Depoimento de Maria Salete Oliveira. P2, 2024, p. 22).

Percebo contradições entre as datações que elas apresentam. Sem salientar isso, pergunto à D. Fátima como foi a experiência de construção de sua casa. Ela revela a construção das casas em mutirão, a da Salete veio depois. Antes, cada um construía sua casa como podia, a partir de uma infraestrutura mínima oferecida:

“Não sei se foi o DEHMAB ou a prefeitura que fizeram umas casinhas de compensado, a tal casinha de emergência, e fazia na frente da casinha um buraco pra fazer xixi! Era só o buraco com aquela coisa. Era feio,

aquele monte de casinha, umas com telhado de lona, outras com telhado de zinco, ai como era feio! A gente passava de ônibus lá embaixo e era uma malocada!

[...]

Eu trabalhava em uma casa de família e minha patroa me deu um ano de salário e me deu os materiais, e um sobrinho meu construiu a minha casa. Eu fiquei um ano sem receber, com quatro crianças, só as passagens. E muitos se sacrificaram também para fazer as suas casas, então foi uma vida muito difícil. Eu separada do marido, com filho, construí, graças a Deus. Tenho minha casa” (Depoimento de Fátima Andreola. P2, 2024, p. 22-23).

Os relatos, visivelmente, afetam a todos: a mim, aos(as) estudantes e às demais cozinheiras. Segue um almoço coletivo. Mais uma vez, a comida ao redor da mesa tem uma espécie de magia que dilui dores e recompõe o clima afetuoso.

Fátima e Salete, em comum, vieram de ocupações e lutaram pelo direito de morar. Revelam orgulho por resistirem aos abandonos e às opressões impostas às mulheres por governos e pela vida. Suas “experiências” pessoais, ao serem entrecruzadas, constroem “vivências” coletivas, histórias-do-comum (Mizoguchi, 2015).

Apesar dessas semelhanças, há nuances que as diferenciam no lento processo de construção da Vila: Fátima assume poderes junto à associação de moradores, enquanto Salete se subordina a uma massa homogênea de mutirantes. Igualmente, Fátima é mais eloquente sobre suas conquistas pessoais e políticas, enquanto Salete é mais contida, pouco revelando sobre sua vida pessoal. A primeira é branca – assim como eu, que pergunto –; já a segunda é negra – assim como a maioria das mulheres ali presentes, que escutam. Ali estão demarcados diferentes lugares de fala!

O que se apresentava era uma ficção: memórias únicas de mulheres que, mesmo atuando coletivamente, guardavam segredos de vidas íntimas, alegrias e traumas. Se a memória narrada expressa uma “visão de mundo” e uma “liberdade de expressão dada a si” como protagonista e testemunha de uma história coletiva (Brum, 2006. p. 59), as narrativas de Salete eram atravessadas por silêncios impostos à cor de sua pele.

Chego na cozinha, pela segunda vez, mas agora com meus alunos. Café e pães na mesa, o que iria se repetir em

todos os encontros seguintes. Integrantes do grupo Mulheres de Luta que coordenam a cozinha vão sendo apresentadas. A maioria delas mora na Vila. A acolhida afetuosa causa estranhamentos para quem vem da frieza do mundo acadêmico. Salete se mantém meio arredia. Um jeito de corpo. Um jeito de olhar.

Começa ali nossa relação.

Contexto

O trabalho na Cozinha Solidária da Vila Barracão integra o projeto de extensão ‘Espaços de Convergência Comunitária e Social’, desenvolvido pelo Margem_Lab (Laboratório de Narrativas Urbanas) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O projeto emergiu durante as enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em maio de 2024, motivado pelo reconhecimento da fundamental importância dos espaços de convergência social para apoiar comunidades antes, durante e após calamidades.

Neste contexto, destacaram-se as cozinhas solidárias, especialmente aquelas atuantes nas periferias da cidade. Essas cozinhas, para além de oferecerem comida, são espaços de

trocas, de educação e de cidadania. Nelas, laços de vizinhança são fortalecidos e lutas por direitos articuladas, o que é especialmente relevante em contextos historicamente abandonados e/ou convertidos em palcos de disputas pela moradia segura e digna no pós-catástrofes (Caron et al., 2024; Caron; Rodrigues; Isoppo, 2024).

Em apoio às cozinhas, o projeto objetiva mapeá-las cartográfica e narrativamente (Sonário Cozinhas-Território, 2024) e desenvolver assessoria técnica para as cozinhas ligadas aos movimentos sociais², principalmente na perspectiva de qualificar seus espaços físicos precários. O projeto também promove o encontro entre cozinhas nos eventos ‘Encontro Cozinhas-Territórios’, um deles já mencionado no início deste trabalho. Em todos esses âmbitos, as narrativas – registros de relatos dos atores envolvidos – são tomadas como formas fundamentais de conhecimentos vividos e subjetivos para a compreensão e produção da cidade (Margem_Lab, n.d).

Especificamente junto à Cozinha Barracão, ligada ao Levante Popular da Juventude (MST), foi desenvolvido um projeto participativo de ativação dos seus espaços, envolvendo a disciplina de graduação ‘Projeto Arquitetônico 2’ (P2) e o projeto de pesquisa ‘Inventariar e Inventar Cidades’, ambos da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Articulam-se aqui, portanto, extensão-ensino-pesquisa.

A Cozinha Barracão

A cozinha se encontra em um “barracão”, na Praça Rejane Vieira da Vila Barracão. Essa vila faz parte da região conhecida como Grande Cruzeiro, um território periférico, com ocupações irregulares desde a década de 1950 e que, historicamente, é desassistida e marginalizada pelos governos e pela sociedade.

O “barracão” é sede da Associação de Moradores União de Vilas, espaço do grupo Mulheres de Luta, e da cozinha solidária, consolidada na urgência da catástrofe com o apoio do Levante da Juventude. As funções lá desenvolvidas, contudo,

² Movimento de Trabalhadores Sem Teto (MTST), Movimento Nacional de Luta pela

Moradia (MNLM) e Levante Popular da Juventude (LPJ-MST).

passaram a ser comprometidas pelas reduzidas dimensões e pela precariedade do espaço, o que mobilizou a comunidade local a buscar apoio dos Engenheiros Sem Fronteiras e da UFRGS para qualificar, respectivamente, seus espaços internos e externos.

Foi demandada à Universidade a promoção de encontros no entorno da cozinha, com vistas a efetivá-la como espaço de convergência social e a estimular cuidados que reduzissem recorrentes vandalismos e descartes de lixo. As ações propostas se basearam na ideia de que cuidados são mobilizados por sentimentos de pertencimento. Sentimentos esses que, por sua vez, poderiam ser estimulados pelo reconhecimento dos significados do espaço no passado e no presente, assim como pela garantia do direito de toda comunidade de pensar-agir sobre esse espaço, prospectando futuros possíveis.

Sobre o passado da Vila e do edifício “barracão” há pouquíssimas bibliografias, destacando-se apenas a atuação da União de Vilas, na Grande Cruzeiro. Em verdade, o apagamento da história da Vila Barracão é um capítulo do apagamento da própria

Grande Cruzeiro. Apesar de existir como uma reunião de vilas geograficamente próximas e historicamente com uma identidade comum, a Cruzeiro não existe como região para a gestão pública e como produtora de cultura para a sociedade.

Neste contexto, assim como Brum (2006) questiona o que as histórias da Grande Cruzeiro revelam sobre a própria cidade em suas desigualdades e lutas, nos questionamos sobre a história da Vila Barracão: o que, desde nosso encontro, as memórias dessa comunidade poderiam nos contar sobre a territorialidade historicamente abandonada e ameaçada?

Narrativas

É sobre ausências e silêncios impostos no passado e sobre reações ou táticas individuais e coletivas para sobreviver a isso que as memórias falam. Elas, açãoadas pelo ato de narrar, não descrevem um passado real, mas são ficções que revelam sutilezas, maneiras de saber e de manipular. Envolvem um certo “tato” para driblar ordens impostas, que podem ensinar sobre alternativas e invenções para o enfrentamento da

imprevisibilidade do futuro. Resgatar memórias, portanto, é uma ação que se dá na temporalidade do agora, tecendo relações entre passado-presente-futuro (Mizoguchi, 2015; De Certeau, 1998).

Conforme a perspectiva teórica apresentada, a estratégia do trabalho foi promover encontros para discutir o momento presente da cozinha, suas potencialidades e desafios, com o objetivo de construir um projeto de futuro para o espaço. Neste processo, memórias do passado foram naturalmente acionadas e narradas em rodas de conversa, na partilha de um almoço coletivo ou em um mutirão comunitário – conforme ilustra a Imagem 1 a seguir. O foco era escutar e observar o dito e o não-dito, esquivando-se de realizar entrevistas voltadas a um mero coletar de dados.



Imagen 1: Cozinha Solidária da Vila Barracão. Porto Alegre. 2024. Fonte: Acervo João Henrique Ramos.

As narrativas emergentes sobre táticas de viver da Vila – no presente e no passado – foram subsidiando a concepção do projeto futuro, sem obedecer a roteiros pré-definidos. Não reduzindo a noção de “projeto” a mero “desenho” de espaços (Ingold, 2022), foram propostas oficinas e pequenas intervenções espaciais. As sugestões foram testadas e refletidas no ato da ação de sua execução, o que afetou mutuamente as comunidades da cozinha e da Universidade, unindo-as em expectativas e sonhos de transformar realidades (Ingold, 2022).

As memórias que emergiram do processo, como demonstram relatos anteriores e como outros irão evidenciar, são registros de resistências, de lutas pela vida e pela moradia, de protagonismo feminino e negro. Revelam também uma política de cuidados que se mostra desobediente às ordens colonialistas, exploratórias, patriarcais e racistas dominantes.

A revista e outras narrativas

Abro as fotos das páginas da revista que Salete me repassou. É um material publicitário ou prestação de contas da Prefeitura, de 1996. Ali,

encontro algumas informações sobre a ocupação da Vila e pistas para empreender novas pesquisas, mas, especialmente, para conhecer melhor Salete.

Salete nasceu em Getúlio Vargas e é mãe de quatro filhos. Morou onze anos na Vila Nossa Senhora do Brasil, no bairro Santa Tereza, em um precário casebre de uma única peça: "Lá, eu não tinha banheiro, nem água, nem tanque. Era obrigada a lavar a roupa na vizinha" (PMPA, 1996, n. p.). As goteiras da casa faziam com que a umidade destruísse as paredes de madeira.

Nos anos 1990, obras de regularização da Grande Cruzeiro demandaram a remoção da casa por obstruir um acesso. Em contrapartida, lhe foi dada a oportunidade de construir uma nova casa na Vila Barracão com um sistema de mutirões promovidos pelo programa habitacional do município de ajuda mútua.

Durante o processo, ela trabalhava como diarista em sete casas, fazia bonecas de tricô e panos de louça para garantir renda extra e, aos fins de semana, era pedreira e pintora no mutirão das casas. Enquanto erguia paredes, também sonhava: "a

casa ainda nem existia, mas a gente imaginava onde colocaria os móveis" (PMPA, 1996, n. p.).

Para realizar tal sonho, começou a comprar tudo novo, juntando as roupas de cama e louças que ganhava de suas patroas. Guardou tudo em caixas, até a nova casa ficar pronta. Este gesto de guardar foi sensivelmente explorado na matéria, cujo autor não consigo identificar:

"E foi guardando, como quem guarda um tesouro. [...] Deixou tudo empacotado. [...] Por não ter lugar para distribuir os móveis na casa de uma peça, achou melhor nem abrir os pacotes e guardar para o novo sobrado. Era uma forma de proteger tudo da umidade. E por quase dois anos almoçou e jantou sentada na cama. Assim fez com o forno micro-ondas, com a máquina de lavar roupa e com o edredom estampado. Tudo comprado aos poucos, a prazo. As caixas foram sendo empilhadas pelos cantos da minúscula casa. Dentro delas tinha muito mais do que simples eletrodomésticos ou móveis desmontados. As caixas guardavam o dia de amanhã.

*[...] Na casa da Salete, de cada caixa que é aberta, saem pedaços de um sonho. Um sonho sonhado dia e noite dentro da única peça de um casebre que não existe mais" (PMPA, 1996, n. p., **grifos da autora**).*

Esta poética escrita é empreendida a partir de uma visita à casa da Salete, como revela alguns de seus detalhados e precisos registros:

Em cima, fica o quarto bastante amplo. Televisão aos pés da cama e um aparelho de som que fica sempre ligado quando ela está em casa. Em cada degrau da escada espiral que leva ao quarto, Salete colocou harmonicamente um vaso de Violeta.

[...]

Lajotas brancas no chão da cozinha, parede branca na sala, janelas, porta e escada com cor areia. Salete já tem tudo programado na cabeça, mas confessa que ainda não definiu a cor das paredes do quarto. "Estou pensando com carinho que cor eu vou colocar no meu quarto", diz sorrindo. No piso da sala e do quarto nada de carpete. E, com a experiência de quem limpa há anos a casa dos outros, explica: "Dá muito trabalho para limpar, por isso prefiro um piso onde possa passar uma cerinha prática" (PMPA, 1996, n. p.).

Na visita a casa, provavelmente houve perguntas, coleta de dados, mas também registros atentos de gestos e de silêncios. Quem escreve não só descreve, interpreta, dá luz ao sensível, deixando-se afetar por Salete, da mesma forma que fui afetada. O que me prende nas caixas de Salete, entretanto, não são só seus sonhos,

mas também as dores que ela deixa escapar.

As caixas de Salete e as cestas de Le Guin e Krenak

As caixas de Salete são suportes ou recipientes que, na aparente insignificância do exercício de guardar, permitem contar histórias ou estórias sobre conquistas cotidianas, táticas silenciosas diante de adversidades de múltiplas ordens, especialmente impostas às mulheres. Das caixas emergem ficções – similares às que Úrsula Le Guin (1989) se propõe a resgatar de bolsas, cestas e panelas cotidianas – como forma de superação de esquecimentos e apagamentos impostos pela dominância de histórias heroicas e violentas que envolvem artefatos longos e duros, quase sempre masculinos.

Nós ouvimos isso, todos nós já ouvimos tudo sobre as varas e lanças e espadas, as coisas para bater e cutucar e golpear, as coisas longas e duras, mas nós não ouvimos sobre algo para colocar ou guardar as coisas, ao recipiente para a coisa contida. Essa é uma nova história. Isso é novidade (Le Guin, 1989, p.3).

A importância dos recipientes para guardar, para Le Guin (1989), é que eles, antes de lançarem a energia para frente, trazem a energia para casa. Isso é o que historicamente sustentou, e sustenta, a humanidade, abrindo também espaços-tempos para que a própria vida cotidiana se constitua por outros interesses além de lutar, guerrear ou ser produtivo, como quer a lógica capitalista. Há de se ter tempo para plantar, escutar um filho, cantarolar uma música, coisas importantes para a humanidade que têm sido desprezadas por não serem rentáveis e não gerarem histórias tão “emocionantes”.

É sobre a arte de “guardar para sobreviver e dispensar tempo para o viver” que também versam as cestas ou balaios de Ailton Krenak (Krenak; Campos, 2022). Ao contestar a demanda de mil balaios iguais de uma rede de supermercados às comunidades indígenas, ele observa que cestos produzidos por esses povos atendem demandas efetivas de “guardar” algo e que, após feitos, um indígena “tem 10 mil outras coisas interessantes para fazer” e completa “brancos é que são capazes de ficar fazendo 10 mil objetos iguais” (Krenak;

Campos, 2022, p. 74). Na luta para atender lógicas de produção fordista e de consumo, brancos abdicam do fruir a vida e da própria “arte”, já que esta envolve fazer coisas únicas. Cada cesto é único, é arte! O lento processo de produzi-lo envolve a subjetivação de pensar-sentir sobre o tramar, o que vai transformando o próprio cesto e construindo um valioso campo de significação. A sua produção, portanto, envolve tramas da própria vida cotidiana: tempos para tramar em meio a tempos para banhar-se no rio e dançar com a aldeia, tempos que não são momentos de luta.

O saber ancestral indígena é também comum em comunidades que possuem memórias de viver e instituir sujeitos coletivos, como as comunidades negras (Krenak; Campos, 2022). É o que revelam memórias de mulheres da Grande Cruzeiro (Ávila, 2006), da Vila Barracão, da Salete. Pela imposição de lógicas exploratórias, machistas e racistas, elas aprenderam a produzir e guardar, provendo suas famílias quase sempre sozinhas. No árduo cotidiano entre casa e trabalho, contudo, elas ainda encontram tempos e forças para viver a “aldeia-vila”. Desde longa data,

promovem festas e ações de cuidado, costuram e cozinham juntas. Nestes momentos, mais do que produzir, divertem-se e partilham tempos: para piadas e gargalhadas, para pedir e conseguir ajuda, para histórias de si, de seus filhos, de manhãs para driblar o patrão e a polícia, de plantas que curam e de santos que ajudam. Nesta lógica “improdutiva”, resistem!

Elas também resistem ao produzirem marmitas únicas, mesmo quando há um grande volume de produção. A cada dia, alimentos são transformados pelo tempero de uma mulher que se voluntaria, pela criatividade de outra que improvisa com a falta de um ingrediente, pela receita nova que experimentam. Ou seja, os alimentos são temperados por suas histórias individuais e coletivas. Cada marmita é um recipiente que guarda forças e fraquezas do ontem e sonhos para o amanhã; está cheia “de começos sem fins, de iniciações, de perdas, de transformações e traduções, e de muito **mais truques do que conflitos**” (Le Guin, 1989, p. 6, **grifo da autora**).

Nas cozinhas, panelas e marmitas são recipientes onde as mulheres compartilham o que

guardaram, e guardam, retroalimentando de energia suas próprias casas e a Vila Barracão, além de fazerem dela um sujeito coletivo – como ilustrado na Imagem 2:



Imagen 2: Cozinha Solidária da Vila Barracão. Porto Alegre. 2024. Fonte: Acervo João Henrique Ramos.

Enlaçando uma história ou quase atando-a em nós

A tecitura de fragmentos dessas memórias, por vezes contraditórios e nem sempre linearmente compostos, permitiu ensaiar uma versão inicial da história da Vila Barracão. Tal história foi relacionada a fatos históricos e confrontada com referências bibliográficas sobre memórias da Grande Cruzeiro, das quais muitas foram escritas por mulheres: Fátima Ávila (2006), Rosemary Brum (2006), Ana Patrícia Barbosa (2020; 2016) e Ane Briske Prates (2020), por exemplo. Recolho delas reflexões e depoimentos em “segunda mão” que,

somados à minha própria voz, compõem uma segunda versão com várias vozes que, ainda assim, reconhecem distanciamentos raciais, etários e econômicos entre quem fala e de quem se fala.

Esta versão é inédita e, apesar de objetiva e de repetir fatos já expostos aqui, talvez tenha importância por seu conjunto por dar luz à origem e à existência da Vila e do seu “barracão”. Este texto é um exercício de “fazer política”, pois, como observa Brum (2006, p. 55), no ato de reconstituir memórias, comunidades historicamente abandonadas e ameaçadas se reconstituem como personagens sociais das políticas urbanas.

A Vila Barracão originou-se de uma ocupação de terras do Instituto de Previdência Ipê, nos anos 1980. Estiveram envolvidas na ocupação pessoas com dificuldades de acesso à moradia e que se articularam na

Associação União de Vilas³. Entre eles, estão D. Fátima Andreola⁴ e seu ex-esposo, Sr. Ézio, que relatam:

“Aqui no Barracão, especialmente, fui um dos que levantou a bandeira de que aqui teria que ser ocupada essa terra, que estava desocupada” (Depoimento Ézio. Ferreira, 2020, n.p.).

“[...] a gente invadiu em umas dez pessoas mais ou menos. Aí veio a polícia e correu todo mundo. Aí o pessoal começou a se unir mais, aí a gente programou em invadir na sexta à noite, porque sábado e domingo não tem polícia” (Depoimento Fátima Andreola. P2, 2024, p. 22-23).

Na luta pelo direito de morar nesse território, a União de Vilas foi muito atuante nos Conselhos Populares do governo municipal de Alceu Collares (1986-1989) e em ações insurgentes. Como relata D. Fátima, tudo que foi conquistado na Vila, foi na “briga”, com “unhas e dentes” (P2, 2024).

Entre inúmeras conquistas dessa época⁵, está a atual escola

³ A União de Vilas foi fundada entre 1979 e 1980, evolvendo inicialmente vinte e seis Associações de Moradores da Região da Grande Cruzeiro. Seu objetivo foi articular as demandas comuns das vilas da região e lutar coletivamente por melhorias nas condições de vida da população.

⁴ D. Fátima data o evento em 1983, mas subentende-se que tenha sido 1983, durante o governo de Alceu Collares em Porto Alegre.

⁵ Pode-se citar a formação da Cooperativa de Trabalho, Produção e Comercialização dos Trabalhadores Autônomos das Vilas de Porto

estadual Almirante Álvaro Alberto da Motta e Silva. Sua história se articula com a origem do “barracão”, edifício localizado na praça Rejane Vieira que dá nome à Vila e onde hoje operam a União de Vilas e uma cozinha solidária. O barracão surgiu como uma estrutura de lona usada por moradores para pressionar a prefeitura a construir uma escola no terreno ao lado da praça, relata D. Fátima (P2, 2024). A ação surtiu efeito. Enquanto a nova escola era construída, a antiga lona deu lugar a um “barracão” provisório de madeira que serviu de espaço escolar (Barbosa, 2016; Ávila, 2006)⁶:

Em 1986, início de 1987, a comunidade já estava se mobilizando e solicitando ao governo municipal a instalação de uma escola na comunidade. Até a escola ficar pronta nós dávamos aula num barracão que foi construído com três salas de aula. Em março de 1988, foi inaugurada a escola (Depoimento Heloisa Simões - Ávila, 2006, p. 43).

“O único colégio que existia nessa zona aqui era lá embaixo no Nonoai. Demorou muito pra ter outras escolas e nós tivemos que lutar muito pra isso. A comunidade se mobilizou e a Prefeitura

Alegre Ltda. (COOTRAVIPA – 1985) e a luta pelo posto médico da Cruzeiro (1998).

⁶ Supostamente, os depoimentos referem-se ao “barracão” da Vila Barracão, não havendo,

construiu uma escola. Até a escola ficar pronta as aulas eram dadas num barracão de madeira” (Depoimento Alberi da Silveira Barbosa, 2016, p.105).

Durante o governo de Olívio Dutra (1989-1992), quando foram implementados o Orçamento Participativo (OP - 1989) e um Programa de Regularização Fundiária (1990) (DEMHAB, 2007), a “ocupação barracão” sofreu mudanças. Ela foi regularizada como loteamento Ipê-Barracão, no qual moradores deslocados por obras de urbanização da Grande Cruzeiro foram reassentados estrategicamente próximos aos lugares de vida (Alegretti, 2005; PMPA, 1996). Depoimentos de integrantes da cozinha solidária da Vila ilustram as mudanças e os impactos em suas vidas, como Elisabeth de Sousa (Beth), deslocada pela abertura da Av. Orfanotrófio; e Salete Oliveira, pela desobstrução de um acesso na Vila Nossa Senhora do Brasil (P2, 2024).

contudo, certezas em decorrência dos depoimentos serem apresentados nas referências sem maiores informações e contextualizações.

Os primeiros reassentados ocuparam lotes de 6x15m com recursos próprios⁷, usufruindo de uma infraestrutura básica oferecida pela Prefeitura: uma casa de compensado e um buraco como sanitário. Ao recorrerem a materiais precários – pedaços de madeira, telhas de zinco etc. –, a paisagem da vila foi por muito tempo “feia”, conta e julga D. Fátima (P2, 2024).

Com o governo de Tarso Genro (1993-1996), programas de incentivo a cooperativas habitacionais (DEMHB, 2007) levaram à Vila a experiência-piloto do “Programa de Ajuda Mútua” (1993). Este programa previa a cedência de materiais para a construção por meio de um sistema de mutirão de 16 casas geminadas e assobradadas de 52m2. Nos mutirões, cada família deveria trabalhar no mínimo 20h semanais, tal como fez a mutirante D. Salete nos sábados, domingos e feriados de três anos consecutivos (P2, 2024; Alegretti, 2005;

PMPA, 1996). Ao longo deste período, as mulheres mutirantes tomaram a iniciativa de reformar o antigo “barracão”, então precário⁸, para instalar ali uma cozinha de apoio onde se reuniam para o café e o chimarrão, além de almoçarem juntas (P2, 2024). D. Salete relembra que elas próprias demoliram parte do corpo de madeira do “barracão” e construíram seu atual corpo em alvenaria.

Em 1996, as casas foram inauguradas e ocupadas às pressas diante de ameaças de ocupação, mesmo não finalizados os acabamentos internos, como nos revelam Salete e uma matéria da época (P2, 2024; PMPA, 1996). Neste mesmo ano, o “barracão” passou a ser a sede da União de Vilas, sendo também alugado para festas. Uma foto, publicada em 2006, documenta a placa da associação sustentada pelos corpos de madeira e de alvenaria do “barracão” (Ávila, 2006), como também

⁷ As dimensões foram alvo de discussões na época, objetivavam uma maior densidade e evitavam que lotes padrões de 12x30m sofressem futuras fragmentações.

⁸ Salete relata que ele estava “caindo aos pedaços” (P2, 2024), o que converge com o

depõimento: “O barracão era um barracão mesmo, de madeira com telhas de zinco. Quando chovia era cheio de goteiras, a gente tinha que estar se cuidando para não cair água em cima. Quando o vento batia forte quase não escutávamos as pessoas falarem” (Depoimento Leontina da Silva. Ávila, 2006, p. 46).

fotos de D. Beth retratam a ocorrência de festas no espaço.

Novas tentativas de invasões na Vila ocorreram no início dos anos 2000, quando o loteamento ainda não estava plenamente ocupado. O fato foi tomado como consequência de uma atuação lenta e ineficiente do DEMHAB e mobilizou apoios de alguns vereadores que registram em ata: “600 pessoas que, cansadas de esperar por uma solução do DEMHAB, resolveram ocupar um terreno que estava há três anos abandonado [...] ocupou o Conjunto do Ipê Barracão” (CMVPA, 2000, n.p.).

Ainda nos anos 2000, a União de Vilas abandonou o “barracão” e o Levante Popular da Juventude (LPJ) passou a atuar no território em 2006, com ações ligadas à educação, cultura e saúde (P2, 2024). Na década de 2010, a Vila foi marcada por inseguranças advindas das obras da copa que, com o objetivo de duplicar a limítrofe Avenida Tronco, removeu inúmeras famílias da região da Grande Cruzeiro em 2014.

Em 2021, a União de Vilas retomou o “barracão” como sede, relata a sua atual presidente, Beatris Souza (Bia). Depredado ao longo de anos de

abandono, ele foi reformado nesse período, em um mutirão conduzido e documentado em fotos pelo Levante. Ali, passou a atuar o grupo Mulheres de Luta, organizado em torno de atividades de costura e artesanato (P2, 2024). Durante a pandemia, o espaço distribuiu alimentos, promoveu eventos solidários e partilhou informações, como no programa “Marmitas Educativas” (Ferreira, 2020) e no “Dia da Solidariedade” (Fraga, 2021).

Com as enchentes que atingiram Porto Alegre, em 2024, as máquinas de costura do “barracão” foram desativadas e o espaço reassumiu a sua antiga função de cozinha, agora uma cozinha solidária conduzida pelo Levante em conjunto com Mulheres de Luta e voluntários. Fogões, panelas e lonas ao lado do “barracão” foram inicialmente improvisados. Com a crescente demanda, a cozinha foi aos poucos equipada e abastecida, e o espaço ampliado com uma varanda lateral. Ali, chegaram a ser produzidas cerca de mil marmitas por dia (P2, 2024; LPJ, 2024).

No mesmo ano, o grupo Engenheiros Sem Fronteiras executou outras obras de ampliação do espaço, com vistas a retomar as antigas

atividades de costura. Além do mais, um projeto de extensão da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul promoveu ações e intervenções nos espaços externos da cozinha, voltadas a consolidá-la como lugar de convergência social (P2, 2024).

Na cronologia de fatos expostos, observa-se que a origem e a consolidação da Vila envolvem processos conflitivos relativos ao direito de morar e, também, gestos de resistência articulados especialmente junto ao “barracão”.

A Vila, hoje, está consolidada com infraestrutura, serviços básicos e melhorias nas casas, mas ainda enfrenta grandes desafios. Além da fome combatida pela cozinha, jovens moradores reclamam por espaços de lazer e cultura, como sinaliza Victor Lisboa (P2, 2024). Igualmente, os jovens desejam oportunidades de trabalho, cuja escassez é agravada pela baixa escolaridade e por altos índices de evasão escolar, como ilustra um depoimento de 2016: “Esse pessoal da minha idade, poucos estão na

escola e quase ninguém trabalha. Ficamos em casa ou aqui na praça o dia todo” (Barbosa, 2016, p. 109)⁹.

Manter as crianças e os adolescentes na escola e oferecer atividades de geração de renda são metas da União de Vilas, nos explica Bia (P2, 2024). No entanto, disputas com o tráfico de drogas são obstáculos para isso, como ela mesma sinaliza já em 2016: “É muito difícil, cada vez eles começam mais cedo no tráfico. Eles não querem estudar, trabalhar. Dizem que podem ganhar dinheiro mais fácil e mais rápido” (Barbosa, 2016, p. 107).

O tráfico de drogas, somado à atuação abusiva da polícia, estigmatiza a região como violenta e perigosa (Prates, 2020; Barbosa, 2016; Brum, 2006). A violência é uma realidade, como expressam crianças da escola que temem frequentar a praça por causa da presença de armas e drogas. Contudo, essa violência também é uma construção da política, polícia e mídia que engendram preconceitos contra os moradores. Por outro lado, a presença e a ação da cozinha, assim como do cursinho popular Gui Soares que ocupa

⁹ Supostamente, os depoimentos dizem sobre a Praça Rejane Vieira.

a praça, têm dinamizado e inibido a violência na área, conforme observa Mariana Dambrós, integrante do Levante (P2, 2024).

De qualquer modo, o território se mantém em meio a disputas. Na ausência de políticas sociais do Estado, outros poderes se impõem. O presente reproduz o passado com conflitos que assumem novas roupagens.

Em contraponto, emergem também formas de resistências, mobilizadas pela solidariedade e pela criatividade que são típicas dos que sobrevivem nas periferias (Barbosa, 2024; Margem, n.p.). As cozinhas solidárias expressam uma dessas formas de resistências, cujas "táticas" podem inspirar a construção de outros possíveis futuros.

Tecituras de pontas ainda soltas ou sementes a plantar

Enquanto amplio as fotos da revista da Salete na tela do computador, imagino que, ao me entregar este material, ela quis formular uma pergunta: "E agora, Ana, o que muda na experiência de três meses a partir das informações que te repassei?".

Abro um arquivo .doc e formulo uma resposta para a pergunta que não foi feita:

Querida Salete, saber sobre a história do loteamento foi importante, mas conhecer a história das suas caixas foi mais importante para mim. Elas me remeteram à ancestralidade: as "caixas" de minha mãe que, em meio a uma vida com dificuldades, também sempre guardaram sonhos. Parte das caixas dela foi herdada por mim e tenho acumulado outros pertences e pertencimentos, outras dores e esperanças.

As caixas dela e as minhas, contudo, certamente não são tão cheias de sofrimentos e resistências quanto as suas. Temos acúmulos muito diferentes devido aos privilégios concedidos, ou não, pela sociedade. Por outro lado, reconhecendo diferenças de conteúdos, penso que a habilidade de guardar coisas em caixas nos une.

As caixas, Salete, nos colocam em um lugar comum – feminino, maternal, cuidador, provedor –, um lugar de que pertenço e de que me esqueço, engolida pela vida produtiva que a sociedade capitalista, colonial e patriarcal inventou. Falta-me capacidade de resistir e insurgir contra o que me opõe, uma capacidade que fui percebendo em você.

Ao "abrir" suas caixas, Salete, olho para mim, encaro minhas fraquezas e busco resgatar alguns sonhos. Um deles é ter mais tempo para fruir da vida e dos afetos. Quero ter tempo para te escrever estas palavras, sentar-me na

cozinha, tomar um café, escutar uma piada, rebocar paredes. Tempo para plantar uma horta na cozinha solidária, colher frutos amanhã e, nas próximas estações, reiniciar tudo de novo.

Tempo para compor uma história sem fim, porque, Salete, há, e sempre haverá, sementes para plantarmos juntas, nos rebrotarmos. Como também esperançarmos um mundo no qual o futuro não reproduza as dores passadas que escaparam de suas caixas e que, provavelmente, são semelhantes às que escapariam das caixas de tantas outras mulheres negras das periferias.

*Com afeto,
Ana*

Referências

ALEGRETTI, Giovanni. *Porto Alegre una biografia territoriale*. Ricercando la qualità urbana a partire dal patrimonio sociale. Monografia (Ciência e Tecnologia). Universidade de Firenze. Florença, 2015. Disponível em: <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/34863>. Acesso em: 07 ago. 2024.

ÁVILA, Fátima (coord.) *Memórias dos Bairros. Vilas da Grande Cruzeiro*. Porto Alegre: Unidade Editorial SMC, 2006.

BARBOSA, Ana Patrícia. A Produção do Espaço Urbano da Grande Cruzeiro e sua Relação com a Cidade se Porto Alegre/RS. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 12, n. 1, pp. 119-143, 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articul>

o?codigo=9664164. Acesso em: 07 ago. 2024.

BARBOSA, Ana Patrícia. Políticas Públicas e Construção de Identidades Sociais: em estudo etnográfico acerca das experiências juvenis na região da Grande Cruzeiro, em Porto Alegre/RS. *Gestão e Desenvolvimento*, v. 13, n. 1, p. 99-111, 2016. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/421/392>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRUM, Rosemary Fritsch. Os estabelecidos e os Outsiders. In ÁVILA, Fátima (coord.) *Memórias dos Bairros. Vilas da Grande Cruzeiro*. Porto Alegre: Unidade Editorial SMC, 2006.

CARON; Daniele; COSTA, Ana Elísia; MARICATTO, Isabella K.; CIDADE, Daniela; ROSA, Aline N.; RODRIGUES, Ana C.; MENEZES, Andressa V.; MARINHO, Bárbara R.; GOMES, Nathália P.; BORGES, Sherlen C. R.; AZEVEDO, Bruna M.; KAEFER, Maria Clara M.; FRAGA, Júlia da C.; ISOPPO, Rodrigo S. Cozinhas-Território: espaços de convergência social e comunitária. *Revista da Extensão*, n.29, set. 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prorext/wp-content/uploads/2024/09/Revista-da-Extensao-29-1.pdf> Acesso em: 07 ago. 2024.

CARON, Daniele; RODRIGUES, Ana Cabral; ISOPPO, Rodrigo S. Cozinhas solidárias e o inadiável na cidade. *Jornal da Universidade*, UFRGS, 20 jun. 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/cozinhas-solidarias-e-o-inadiavel-na-cidade/>. Acesso em: 10 ago. 2024.

CMVPA – Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre. *Ata da Trigésima Terceira Sessão Ordinária*

da Quarta Sessão Legislativa Ordinária da Décima Segunda Legislatura em 08 maio 2000. Disponível em https://www.camarapoa.rs.gov.br/site/anais_sessoes_plenarias_antigas/2000/05/08/033a%20SO%20-%2008maio2000.htm. Acesso em: 10 ago. 2024.

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEMHAB - Departamento Municipal de Habitação. *Plano Municipal de Habitação de Interesse Social de Porto Alegre*. Prefeitura Municipal de Porto Alegre: Porto Alegre, 2007 Disponível em: https://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/demhab/usu_doc/revista_silvia_ultima_com_capa.pdf. Acesso em: 10 ago. 2024.

FERREIRA, Marcelo. *União de Vilas desperta o poder popular para encarar o coronavírus na periferia*. Brasil de Fato, Porto Alegre, 08 jul. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefators.com.br/2020/07/08/uniao-de-vilas-desperta-o-poder-popular-para-encarar-o-coronavirus-na-periferia>. Acesso em: 10 ago. 2024.

FRAGA, Jean Carlo Costa de. *Lideranças comunitárias da Grande Cruzeiro promovem dia de solidariedade*. Brasil de Fato, Porto Alegre, 11 ago. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefators.com.br/2021/08/11/liderancas-comunitarias-da-grande-cruzeiro-promovem-dia-de-solidariedade>. Acesso em: 10 ago. 2024.

INGOLD, Tim. *Fazer: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura*. São Paulo: Vozes, 2022.

KRENAK, Ailton; COMPOS, Yussef. *Lugares de Origem*. São Paulo, Jandaíra, 2022.

LE GUIN, Ursula K. *A Ficção como Cesta: Uma Teoria/ "The Carrier Bag Theory of Fiction"*. (tradução do texto no publicado livro "Dancing at the Edge of the World: Thoughts on Words, Women, Places", em 1989 pela editora Grove Press). Disponível em: https://www.academia.edu/44858388/A_Fic%C3%A7%C3%A3o_como_Cesta_Uma_Teoria_The_Carrier_Bag_Theory_of_Fiction_Ursula_K_Le_Guin. Acesso em: 15 jan. 2025.

LPJ - LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. *Levante Popular da Juventude tem 11 cozinhas solidárias em 8 cidades atingidas pelas enchentes*. Levante Popular da Juventude, 2024. Disponível em: <https://levantepopular.org.br/2024/05/17/levantepopular-da-juventude-tem-11-cozinhas-solidarias-em-8-cidades-atingidas-pelas-enchentes/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa. *ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 5, n. 2, 2015, p. 200-208. Disponível em: <http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1352>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PMPA - Prefeitura Municipal de Porto Alegre. *Porto Alegre Toda Vida. Prestação de Contas 93/96*. (Catálogo publicitário). Prefeitura Municipal de Porto Alegre: Porto Alegre, 1996.

PRATES, Ane Briske. *"Aqui é Guerra Todo Dia"*: juventude e cotidiano em um bairro popular de Porto Alegre- RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). PUC, Porto Alegre, 2020.

Disponível em:
<https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9392>. Acesso em: 11 out. 2024.

P2 - Projeto Arquitetônico 2 – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Cozinha Barracão: relatos de uma experiência de ensino-extensão-pesquisa* (Relatório de Atividades). UFRGS: Porto Alegre, 2024. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/283986>. Acesso em: 20 jan. 2025.